



A vocação de Paulo em Gálatas

The vocation of Paul in Galatians

Joel Antônio Ferreira

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás(UCG), Goiânia, GO - Brasil, e-mail: joelantonioferreira@hotmail.com

Resumo

É dentro do gênero literário e do conceito teológico da “revelação” que se podem compreender, hoje, dois outros conceitos teológicos, isto é, “eleição” e “vocação”, do apóstolo Paulo. Essa temática aparece na Epístola aos Gálatas (Gl 1,11-17a). Daí advém outro conceito fundamental, que é a “missão”. De fato, a vocação de Paulo desembocou no seu espírito missionário às etnias possíveis de sua época, provocando uma transformação total no seu agir. Ao ser escolhido, deu a sua resposta, mudando totalmente de projeto. De uma visão sectarista, a vocação o transformou no missionário da abertura de fronteiras. Possivelmente, a eficácia missionária de Paulo e de seus amigos evangelizadores tenha sido por assumir a forma de viver de cada localidade.

Palavras-chave: Vocação. Revelação. Eleição. Missão.

Abstract

It is within literary genre and theological concept "revelation" that one can understand, today, two other theological concepts, i.e. "election/vocation" of the apostle Paul. This theme appears in the Epistle to the Galatians (Gl 1.11-17a). Then, come another fundamental concept that is the "mission". In fact, the vocation of Paul is in its missionary spirit led to possible ethnic groups of his time. Resulted in a total transformation in their work. To be chosen, gave his answer, changing, totally project. In a sectarian view, the vocation to become a missionary in the opening of borders. Possibly, the effectiveness of missionary Paul and his friends evangelizers has been to assume the form of living in each locality.

Keywords: *Vocation. Revelation. Election. Mission.*

Introdução

O conceito de "vocação" está na Bíblia sempre em conexão com a "eleição" e, quase sempre, com a "missão". Quando o chamado não era de pessoa física para pessoa física, como, por exemplo, Jesus chamando os discípulos, mas da divindade para a pessoa, quase sempre a vocação estava interligada à "revelação" e/ou "visão". Em Paulo, vemos quatro conceituações, ou seja, revelação, vocação, eleição e missão, bem interligadas.

Não iremos tratar da história da vocação de Paulo em Atos dos Apóstolos (At 9,3-9) aqui, mas somente da Epístola aos Gálatas. Assim, situemos a narrativa da "vocação" de Paulo dentro do contexto dessa epístola. Nela, existe um esquema claro: 1) Paulo havia anunciado o Evangelho na Galácia, o que foi frutífero; 2) de fato, as igrejas da Galácia receberam e aceitaram o Evangelho com ardor e dedicação e, quando Paulo deixou a região, os novos cristãos continuaram a caminhada, com júbilo; 3) após a saída de Paulo, apareceram no mesmo local alguns "missionários judeu-cristãos" (judaizantes), proclamando um Evangelho diferente, baseado na lei, confundindo os evangelizados por Paulo; 4) alguns grupos aderiram à pastoral desses missionários, mas os leais ao apóstolo tomaram uma atitude;

5) Paulo, em outro lugar, recebeu notícias dos leais sobre as divisões e tensões nas comunidades gálatas; 6) ficou amargurado e inconformado; 7) escreveu uma missiva (atual epístola) e a enviou aos gálatas.

Era preciso falar forte sobre a sua “vocação”, porque, na conjuntura da jovem Igreja, manifestava-se uma tensão ideológica bem pontual. Um grupo de Jerusalém, mais ligado a Tiago, seguia a tendência geral do povo judeu e evitava contato com os estrangeiros (Gl 2,11-13). Se algum estrangeiro se convertia ao cristianismo, o pessoal da linha de Tiago exigia que entrasse no projeto cristão com tendência judaica. Particularmente, aos gálatas, aqueles missionários judeu-cristãos acusaram Paulo de não ser apóstolo. Foi por isso que ele se sentiu na obrigação de contar sobre sua vocação. Além disso, de outro lado, seguidores dos grupos de Estêvão (já assassinado), do próprio Paulo e de Barnabé já não se sentiam à vontade na comunidade de Jerusalém, partindo para outros lugares. Essa conjuntura foi mudando. Vieram perseguições. A vontade de evangelizar novas culturas levou esses grupos para fora da Palestina. A Palavra se espalhou pelo Império Romano e pela civilização grega, especialmente nas grandes cidades.

Essa passagem lenta e conflituosa foi marcada pela expansão missionária no mundo grego (*polis*) e também pela forte tensão entre os cristãos vindos do judaísmo e os novos que chegavam de outras etnias e culturas. Como afirmam Ferreira e Silva (2009), o processo de conversão foi doloroso. A Epístola aos Gálatas retratou essa dor. De fato, para que Paulo remotivasse os antigos cristãos e se defendesse das acusações dos judaizantes, era necessário falar também de sua revelação, eleição, vocação e missão.

Nessa epístola, lemos que a grande meta era o anúncio universal do Evangelho a judeus e gentios. A boa-nova suscitou a fé em Jesus Cristo, transformou todos, inclusive os escravos e as mulheres, filhos e filhas de Deus. Portanto, todos se tornaram livres e iguais. Essa liberdade cristã, dentro da unidade comunitária, apesar da cruz, criou uma nova criação (Gl 6,15) (FERREIRA, 2005).

Há dois gêneros literários no perícopo da vocação (Gl 1,11-17), que se interligam:

- a) gênero “revelação”, que tem como intenção revelar como está narrado em Gl 1,10-12.16 e que não é o mesmo gênero literário “discurso de revelação”, como em Jo 8,12-29 (testemunho que Jesus deu de si mesmo) ou Lc 12,49-59 (cinco sentenças anunciadas por Jesus). Este gênero, aqui, teve dois momentos: no primeiro (versículo 12), o autor disse que o Evangelho por ele recebido veio de Jesus Cristo; num segundo momento, contou (versículo 16) que Deus “revelou nele o seu Filho”;
- b) o gênero literário “vocação”, que tem como intenção chamar, como está descrito em Gl 1,13-15. O autor foi chamado pelo próprio Deus para anunciar o Evangelho aos étnicos.

Os dois gêneros estão claramente unidos e um depende do outro para clarear as intenções do autor. Paulo frisou aqui a força da “revelação” interior e a ela conectou sua “vocação” de apóstolo para anunciar a todas as etnias. Com a riqueza da proximidade desses dois conceitos para a inteligência do chamado de Paulo, é interessante agora olhar o sentido histórico da “vocação” para entender bem a clareza de ideias de Paulo.

O verbo *qr'* (chamar), no Antigo Testamento, foi usadíssimo. Se o foi, é porque era muito significativo; por exemplo, se vê em Isaías (Is 41,9; 46,11; 50,2) no sentido simples de quem chamava. Contudo, *qr' bshm* (chamar pelo nome: Ex 31,2; Is 43,1; 45,3) foi uma vocação para uma determinada função (DE FRAINE, 1971a). Molin (1973) mostra que o aspecto religioso acompanhou o conteúdo de *qr'*, como apelo de conversão (Jr 3,12ss), como chamamento pessoal para um determinado ofício (Is 44,28; 46,11) e como um chamamento para a salvação que podia se referir a um indivíduo ou à comunidade maior (Gn 12-13; 15,1-6; Is 41,8-9; 48,12).

Outro aspecto importante é entender a proximidade de *qr'* (chamar) e *bhr* (escolher: 164 vezes no Antigo Testamento). Molin (1973) relata que esses dois conceitos, muitas vezes, coincidem, uma vez que Deus só chama aquele que de antemão escolheu para determinado serviço ou para participar da salvação (Abraão, Moisés, Davi). Em II Isaías, esses dois conceitos andam paralelamente (Is 41,9), embora, no nível

conceitual, sejam distintos. Será observado, à frente, que quem “chama” é Deus e quem “escolhe” é Deus.

Será essa a tendência teológica do Novo Testamento. Os sinóticos têm um esquema, mais ou menos padrão, da teologia do chamado: 1) todos são chamados; 2) a iniciativa é de Deus; 3) nem todos aceitam; 4) a decisão é séria; 4) há recompensa como acréscimo (MOLIN, 1973). Para Paulo, *kalein* (chamar) exige, por parte do fiel, a resposta ao chamado divino, no envolvimento total da *pisteuein* (fé).

Quando Paulo descreveu sua vocação, com simplicidade, ele já estava tendo a experiência das tensões, dos conflitos e do entusiasmo pelo Evangelho (MURPHY-O’CONNOR, 2000). O que ele descreveu?

A revelação ao perseguidor (1,11-14)

11 Com efeito, eu vos faço saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, 12 pois eu não o recebi nem aprendi de algum homem, mas por revelação de Jesus Cristo. 13 Ouvistes certamente da minha conduta de outrora no judaísmo, de como perseguia sobremaneira e devastava a Igreja de Deus, 14 e como progredia no judaísmo mais do que muitos compatriotas da minha idade, distinguindo-me no zelo pelas tradições paternas (Gl 1,11-14).

Após usar uma linguagem duríssima (versículos 6 a 10) contra os judaizantes, agora a amenizou. Ele, pela primeira vez, chamou os gálatas de “irmãos”. Ele já havia usado esse substantivo para se referir aos remetentes da epístola que estavam com ele (Gl 1,2). Agora são gálatas, os irmãos. Essa palavra, com o tempo, passou a fazer parte do linguajar dos cristãos. Como tratamento igualitário, era pouco usada no Antigo Testamento (Sl 133[132],1). O primeiro escrito do Novo Testamento que a usou foi a Primeira Epístola aos Tessalonicenses (51 d.C.), por 19 vezes. Aqui em Gálatas, pelo contexto tenso, ela foi menos citada. Entretanto, por causa do projeto de Paulo, mesmo com tantos conflitos, ele a usou por sete vezes (Gl 1,11; 3,15; 4,12; 5,13; 6,1.10.18). Embora tenham claudicado na fé, os gálatas continuavam sendo membros da

comunidade cristã. Aliás, em Gl 4,12-20, quando Paulo faz a memória da sua presença entre os gálatas e da experiência vital tão rica, ele os chama de novo à fidelidade.

A expressão ‘eu vos faço saber’ (*gnôrizein*) era usada num contexto de solenidade, em que a pessoa apresentava importantes enunciados (COTHENET, 1985). Paulo a citou e, à frente, fez uma fórmula de juramento (Gl 1,20) diante de Deus, isto é, o que vai ser formulado agora era verdade. Não se podia duvidar, Deus era testemunha.

São apontadas aqui (versículos 11-14) três situações tensas.

O Evangelho segundo o homem x Evangelho de Jesus Cristo

Paulo estava, nesse momento, escrevendo num contexto fraterno e comunitário, numa dimensão de quem abre o coração para o outro. Então, ao ligar à palavra ‘irmãos’, ele proclamou que o centro do Evangelho (*euaggelion*) não era segundo (*kata*) o homem, ou seja, não partia da medida do homem, não era fruto de normas do ambiente social; não era sabedoria humana em que um procurava influenciar, instruir e até manipular o outro (FERREIRA, 2005). Era o que o próprio Paulo falou em 1Cor 1,17-31, em que retratou a sabedoria humana num nível diferente da sabedoria de Deus. O Evangelho era de Jesus Cristo (versículo 12).

Na tensão com os missionários judeu-cristãos (judaizantes), estava, como afirma Barbaglio (1991), a qualidade da sua pregação: palavra humana ou divina? Segundo ele, a questão foi decidida pelo critério de origem: de quem e como a recebeu? Para resistir aos ataques dos judaizantes de que ele não era apóstolo de Jesus, ele respondeu exatamente que o Evangelho foi dado a ele, diretamente por Deus. Por isso, traçou a sua história de evangelizador e apóstolo. O que interessava a ele era só mostrar como se tornou depositário da mensagem que ele proclamara.

“Evangelho” é uma palavra predominantemente paulina no Novo Testamento (60 de 76 ocorrências). É muito provável que o próprio Paulo tenha cunhado *euaggelion* como um novo termo técnico para a sua própria proclamação (DUNN, 2008). Segundo esse autor, Paulo é bem conhecido pelas adaptações de vocabulário antigo (*charis, ágape*) a usos novos para

expressar a rica novidade da mensagem cristã. Conforme Dunn (2008, p. 209), “podemos especular ainda que foi devido à influência de Paulo que o termo (Evangelho) entrou em uso em Marcos, em que é distintivo, e assim passou a significar o Evangelho escrito”. Seja como for, Paulo certamente foi o primeiro a resumir a mensagem cristã como “Evangelho”.

Como essa epístola foi escrita pelo temor da possibilidade de que os gálatas se afastassem do Evangelho e de que este se transformasse em algo diferente (Gl 1,6-9), a revelação de Cristo lhe fora dada “para que eu o evangelizasse entre os gentios” (Gl 1,16). Como aponta Dunn (2008), sua prioridade suprema era “a verdade do evangelho” (Gl 2,5.14). Além de Gálatas, em todas as epístolas de Paulo, a preocupação com o “Evangelho” foi um tema-chave. Em determinados momentos, tanto em Paulo quanto em Marcos, “Evangelho” passou a ser sinônimo de “Jesus Cristo”. Ele era o Evangelho.

O conhecimento da instrução (ensino) x conhecimento da revelação

Recordando: o apóstolo, como bom estudante, foi aluno do famoso Gamaliel e “progredia no judaísmo [...] distinguindo-se no zelo pelas tradições paternas” (Gl 1,14). O Evangelho que ele anunciou (versículo 11) não era fruto da sala de aula, de doutrina discutida na escola, de pesquisa destrinchada na biblioteca, de treinamento pastoral catequético etc. A instrução e o ensino se processavam de pessoa humana para pessoa humana, de professor para aluno, de pai para filho etc.

O conhecimento de Paulo era fruto da “revelação de Jesus Cristo” (versículo 12). A Bíblia não desenvolveu um conceito completo de revelação e nunca definiu explicitamente sua concepção. Em vez disso, atestou em cada uma de suas palavras o evento da revelação, de que se pode tirar uma compreensão correta das afirmações bíblicas (BROX, 1973). Para falar daquele fato extraordinário recebido de Deus, o apóstolo recorreu à literatura apocalíptica. No versículo 12, ele usou a palavra ‘revelação’ (*apokálypsis*) e, no versículo 16, empregou o verbo ‘revelar’ (*apokalyptô*), indicando o desvelamento daquilo que estava oculto aos olhos humanos. Era preciso revelar, definitivamente, que o projeto divino da salvação aconteceu no Cristo, o Filho de Deus, o único mediador da salvação da

humanidade. Para Brox (1973), com Jesus estava colocado diante dos homens um começo novo ou, antes, o fim da longa história da revelação de Deus. Tudo que anteriormente foi manifestado por Deus encontrou em Jesus Cristo o seu cumprimento.

Na linha do livro de Daniel, entende-se que somente Deus pode revelar os segredos e manifestar o que vai acontecer no final dos tempos (Dn 2,28; 4,15). Daniel trabalhou a entronização do Filho do Homem como sinal dos novos tempos, quando o povo de Deus, por tanto tempo oprimido pelas nações pagãs, recuperará sua independência (Dn 7,13ss). Ao ver de Cothenet (1985), Paulo, como muitos de seus contemporâneos, estava voltado para o “mundo futuro”, cuja vinda deveria acabar com a dominação inimiga. O que aconteceu? Era preciso que Paulo mudasse sua concepção da presença de Deus. Este revelou ao perseguidor que os tempos escatológicos já tinham chegado. No seu Filho glorificado se encontrava o mistério da salvação. Quer dizer que o apóstolo, embora sociologicamente percebesse que o século (*éon*) presente estava envolvido na contradição (modo de produção escravagista, injustiça, corrupção etc.), entendia que esse mesmo tempo presente já participava do século (*éon*) futuro. Por isso, parece, Paulo não se referiu ao conceito “Filho do Homem”, mas a “Filho de Deus” (Gl 1,12; 4,4-5), denominação característica do apóstolo para se referir ao seu Senhor.

Na perspectiva do judaísmo, não era uma revelação de Moisés. Não era, na óptica romana, uma revelação de César, que se divinizava. A revelação veio do alto. Paulo proclamou que o centro da revelação era Ele: Jesus Cristo. Estava aqui o fundamento de sua missão. Portanto, a vocação apostólica de Paulo era independente, vinha de Deus. Seu chamado veio do Seu Filho, Jesus. A revelação (= tirar o véu) era o fato de Deus revelar Seu Filho a Paulo. Como os outros apóstolos receberam o chamado de Jesus, também Paulo o recebera, por uma “revelação” imediata daquele que revelara o Cristo nele (DE FRAINE, 1971b). A origem da mensagem estava em Cristo.

A experiência humana não pode acessar os mistérios de Deus. No entanto, na “revelação”, a manifestação desses mistérios se tornou acessível. Esta foi a experiência de Paulo ao ser “chamado”. Deus retirou o véu. Na visão paulina, Cristo não é propriamente aquele que revela, mas, antes, aquele que é revelado. O mistério de Deus (revelar Jesus Cristo ao apóstolo) foi comunicado ao próprio Paulo, que anunciou o Evangelho

revelado diretamente por Deus tanto aos gentios quanto aos judeus. É por isso que Murphy-O'Connor (2000, p. 92-93) afirma que “só quando admitimos que a conversão de Paulo consistiu, em essência, na reavaliação de ideias que ele já possuía, entendemos como ele pode escrever ‘este Evangelho que eu vos anunciei não é de inspiração humana... mas uma revelação de Jesus Cristo’ (Gl 1,11)”.

Perseguidor x Igreja de Deus perseguida

Paulo perseguiu a Igreja; os gálatas sabiam disso. Claro, Paulo já havia convivido com eles e, provavelmente, os informou (Gl 4,12-20) sobre esse pesado período de sua vida. Ele não tinha dificuldades de assumir o seu passado (1Cor 15,9; Fl 3,6; At 8,3; 9,1). Ele era, no judaísmo, radical e extremista. O seu fanatismo o colocara no nível fundamentalista. Ele era convicto do seu zelo para com o judaísmo e com Deus (Rm 10,2; Fl 3,6). Levava à extremidade sua convicção de defender o Deus zeloso e ciumento (Dt 4,24; Ex 20,5). O seu zelo era fanático.

Aliás, após o encontro decisivo com Jesus Cristo, sua “loucura” e seu zelo pela comunidade eram comparados ao zelo de Deus (2Cor 11,1-2). Paulo, que conhecia bem o Antigo Testamento e que, naquela mentalidade, achava que devia afastar tudo que estragasse a aliança com Deus, bem ao estilo de Elias contra os profetas de Baal (1Rs 18), partiu com tudo contra a nova mentalidade que tomou conta de uma boa parte dos gálatas. Na sua visão, os gálatas estavam se separando. Quer dizer: o seu trabalho pastoral na Galácia tinha sido em vão. O que estava acontecendo com os gálatas era o reverso da sua história. Se ele fez a passagem do farisaísmo para o cristianismo, alguns gálatas estavam retornando do cristianismo para a mentalidade legalista judaica.

Para removê-los da mudança do projeto, ele disse que, antes de se converter, “progredia no judaísmo”. Era um verdadeiro fariseu. As tradições eram quase absolutas. Ao se comparar com os companheiros de idade, possivelmente estes viviam o farisaísmo por dever e Paulo, por dever e convicção. No passado, ao tentar “devastar a Igreja”, perseguia o próprio Deus. Ao reverter totalmente a sua vida,

deparou-se com o outro lado. Ele pertencia à “Igreja de Deus” (versículo 13), a qual antes perseguia.

O perseguidor recebeu a vocação para evangelizar os gentios (1,15-17a)

15 Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem, 16 revelar em mim o seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue, 17 nem subi a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim [...] (Gl 1,15-17a).

Paulo estava consciente de que o Evangelho por ele anunciado era revelação direta de Cristo. Foi inequívoca a ênfase na iniciativa de Deus/Cristo (MURPHY-O’CONNOR, 2000). Ele viveu em absoluto a experiência de Deus no serviço integral aos irmãos, objetivando edificar a Igreja de Deus entre os gálatas. Como mostra Barbaglio (1991), assim como os profetas recorriam à narração do chamamento com o objetivo de qualificar sua palavra ante o povo, Paulo fez o mesmo em relação à sua missão. Os elementos típicos desse tipo de gênero literário são os mesmos: “eleição” (é Deus quem escolhe), “vocação” (é Deus quem chama) e “missão” (é Deus quem envia).

Citando dois profetas (Is 49,1-6; Jr 1,5-10), Comblin (1993) relata que a vocação de Paulo era parte do plano de Deus. O próprio Deus marcou o momento da sua intervenção (Damasco). Tudo foi livre decisão de Deus, tudo foi gratuito. A intervenção de Deus foi uma vocação. Como os profetas, Paulo foi escolhido e chamado para realizar uma missão. No texto de Gálatas, ele frisa que a revelação veio de Jesus Cristo. Mais tarde, aos romanos, na saudação inicial, refere-se à mesma vocação com o mesmo conteúdo:

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado a ser Apóstolo, escolhido para o Evangelho de Deus [...] por quem recebemos a graça e o apostolado a fim de promover a obediência da fé para glória de seu nome em todas as nações, entre as quais também estais vós, os eleitos de Jesus Cristo (Rm 1,1-6).

Ele foi apóstolo, porque ele também “viu Jesus Cristo” (1Cor 9,1). Não foi inferior aos outros apóstolos que tiveram aparições de Jesus ressuscitado (1Cor 15,8-10). Os 12 seriam os mensageiros no meio de Israel e ele o seria no meio das nações (COMBLIN, 1993).

Nos versículos 15 e 16a, temos três pontos interessantes.

Eleição: a iniciativa era e é de Deus

Ele “houve por bem revelar [...] seu Filho” (Gl 1,15-16) àquele que perseguia Sua Igreja. Toda iniciativa era divina. O perseguidor passou a ser evangelizador, apóstolo. O “revelar em mim Seu Filho” trouxe algumas clarezas teológicas. A primeira é que, diferentemente de Daniel e, algumas vezes, dos sinóticos, aqui está claro que ele era o Filho de Deus. Em Gl 4,4-5, houve um avanço em Paulo, exatamente numa linguagem de revelação (apocalipse). Poderia ter dito “Filho do Homem”, anunciando a pessoa do Ressuscitado. A segunda, na perspectiva universalista, é que Jesus não era só o Cristo, o Messias. Se assim fosse, ficaria localizado na perspectiva israelita. Além de Cristo, era Filho de Deus. Caíram as fronteiras entre israelitas e gentios. Agora, com o Filho de Deus, todos os povos foram incluídos na promessa (Gl 3,6-9).

Vocação: Deus chamava e chama

Numa compreensão ampla, Deus, com os seus meios e para o Seu próprio fim, chamou e chama os seres humanos em Cristo. Conforme Schmidt (1968), assim como Deus é o *kalōn* e os cristãos são os *kekleménoi*, *kalein* é um termo técnico para designar o evento da salvação. Quando Deus ou o Cristo chama uma pessoa humana, esse “chamar” ou “nominar” é uma “palavra eficaz”.

Uma “vocação” muito especial foi dirigida por Deus ao arauto da fé, o apóstolo (DE FRAINE, 1971a). Deus escolheu e “separou”. “Desde o seio da mãe”, Deus se apossou de Paulo para consagrá-lo para si.

A partir de agora, o serviço do apóstolo seria essencialmente o anúncio do Evangelho. Paulo, ao dizer “desde o seio materno”, estava se comparando a Jeremias (ROETZEL, 1999). Lá foi dito assim: “Antes mesmo de te formar no ventre, eu te conheci; antes que saíesses do seio, eu te consagrei [...]” (Jr 1,5). Era uma linguagem cultural. Como Jeremias fora consagrado e separado, a serviço do altar (Ex 29,24-27), Paulo se entenderá como consagrado, separado por Deus, para servir e anunciar o Evangelho numa linha cultural (Rm 12). Isso se tornou forte quando ele disse: “Eu vos escrevi [...] em virtude da graça que me foi concedida por Deus de ser o ministro de Cristo Jesus para os gentios, a serviço do Evangelho de Deus, a fim de que a oblação dos gentios se torne agradável, santificada pelo Espírito Santo” (Rm 15,15-16). Ao receber de graça o chamado, decidiu, após profunda reflexão, ser apóstolo. Seu apostolado não foi criado ou instituído pelos homens, mas unicamente por Deus (HEYER, 2008). Para ele, veio o chamado. Sua vocação era para o apostolado (BARGAGLIO, 1991).

Sua vocação foi obra da graça de Deus. Ele se fez apóstolo porque foi chamado por Deus. Aquele que “chamou” ou “nominou” era, indiferentemente, Deus ou o Cristo (SCHMIDT, 1968). A vocação de Paulo entrou na fina flor da vocação dos grandes profetas, particularmente Jeremias e Isaías, culminando em Jesus. A vocação é para a missão. Foi chamado e enviado para anunciar. Vocação e missão são interligadas. Toda vocação é um “chamado para”. Assim como Jeremias e Isaías foram chamados numa perspectiva de abertura do anúncio a todos os povos; assim como Jeremias deveria ser “o profeta das nações” (Jr 1,5) e Isaías não podia parar somente nas “tribos de Jacó” (Is 49,6a); do mesmo modo como a proclamação era universal, devendo Isaías ser “a luz das nações, para propagar a minha salvação até os confins do mundo” (Is 49,6b); se for observado no Novo Testamento, olhando Lc 2,32, quando o velho profeta Simeão dizia que o menino deveria ser a “luz para iluminar todas as gentes”, Paulo também foi um “vacionado para”, para ser como Jeremias, Isaías e o próprio Jesus de Lucas: profeta das nações, luz das etnias, alguém que devia iluminar todas as gentes.

Para toda proposta (iniciativa de Deus) deve haver uma resposta

Ele respondeu no momento em que se viu chamado (vacionado) desde o seio materno. Compreendendo a riqueza da evangelização, conseguiu superar as barreiras e suprimir as estruturas dos sistemas escravizantes. Colocou-se totalmente a serviço da universalização do Reino. Não deu satisfação aos poderes constituídos, porque percebeu a legitimidade do seu Evangelho. Sua fonte era Jesus Cristo. Paulo se recordou que perseguiu a Igreja, fez memória de seu zelo pelas tradições paternas, porém sua decisão pelo Evangelho foi consciente. Essa transformação aconteceu porque, em certo momento, interveio na sua vida uma revelação, da parte de Deus, que, depois de havê-lo guiado secretamente “desde o seio materno”, levou-o a compreender Jesus Cristo. O seu “Evangelho” não foi produto pessoal nem obra humana, mas veio de Deus (GIAVINI, 1987).

Nessa consciência, livre e decidida, ele se definiu como “apóstolo das nações”. Sua missão se tornou ampla. Houve um chamado que, num primeiro momento, significou ruptura; num segundo momento, significou ser o proclamador de Cristo. Era Ele quem deveria ser anunciado, como Evangelho. Num terceiro momento, essa aclamação deveria ser levada a todas as etnias, sem limites geográficos e culturais.

No centro dessa Epístola aos Gálatas (Gl 3,26-28), há um hino baptismal¹. Nele, vemos a dimensão da abertura de fronteiras nas esferas étnicas, sociais, de gênero, raciais ou estrangeiras, com implicações religiosas e culturais. Paulo viera do judaísmo. Ora, sabemos que os judeus (particularmente os das classes média e alta) consideravam-se privilegiados, em nível religioso, por entenderem que eram membros do povo eleito. O **grego**, nessa epístola, não era uma referência à avançada civilização

¹ Esse hino (Gl 3,26-28) era cantado pelas comunidades dos cristianismos originários anteriores a Paulo. Possivelmente, foi elaborado por cristãos vindos do mundo étnico (estrangeiro/pagão), do meio social dos escravos e das mulheres convertidas e emancipadas, por causa de Jesus Cristo. Ali se fala que nele “não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravos e livres e entre homem e mulher”. Paulo pegou esse hino, fazendo dele um programa missionário. Tornou-se um projeto para Paulo e seu grupo helenista (FERREIRA, 2005), como veremos no “remate” deste artigo.

e cultura grega, mas aos étnico-pagãos, aos estrangeiros. Ao afirmar que “não há judeu nem grego”, Paulo estava pondo em prática a “missão” provinda de sua “vocação”. Estava fazendo uma proposta igualitária racial e, por conseguinte, religiosa. Todo seu esforço estava centrado na abolição das distinções religiosas entre **judeus e gregos**. O compromisso de Paulo com os étnicos era uma questão de vida.

A teologia do apóstolo, compreendida após sua vocação, contestou as ortodoxias religiosas e os sectarismos. Diante da “revelação” de Deus em Jesus Cristo (Gl 1,10.16), nenhuma religião ou etnia era superior às outras. Todos tinham necessidade do dom gratuito da salvação, oferecido indistintamente a quem tiver fé (pisteúein), constituindo uma opção pessoal oferecida a todo mundo, sem que ninguém precise renunciar à própria identidade histórico-cultural (FERREIRA; SILVA, 2009).

Agora, no versículo 16c, vemos um Paulo como apóstolo independente: “Não consultei carne nem sangue”. Era preciso proclamar o Evangelho a todas as gentes. Suas fontes reveladoras não foram a carne e o sangue, isto é, pessoas humanas. Era preciso agir, porque fora chamado por Deus. Em seguida (versículo 17), vemos uma informação que precisa ser entendida a partir da situação vital da Epístola aos Gálatas: a questão dos missionários judeu-cristãos estava como um nó na garganta de Paulo. Esse grupo tinha, ao que parece, Jerusalém como centro religioso do mundo. Isso vinha de longe (Is 2,2-4). Paulo, desde o início, se compreendeu como apóstolo de todas as gentes. Então, nesse trecho, o nosso missionário das nações não estava minimizando os apóstolos de Jerusalém nem querendo criar “outra Igreja”. Ele queria frisar a sua plena igualdade apostólica. Mais tarde, entretanto, foi ao encontro dos apóstolos em Jerusalém (Gl 2,1ss).

Considerações finais

A vocação de Paulo provocou uma transformação total no seu agir. Ao ser escolhido, deu a sua resposta, mudando totalmente de projeto, que se explicitou na missão às outras etnias (VANHOYE, 1985). Para efetivar o seu programa, ele se baseou no hino batismal, inserido por ele

no meio da epístola, no qual afirmou: “Pois todos vós sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Pois, quantos de vós fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher. Pois, todos vós sois UM só em Cristo Jesus” (Gl 3,26-28).

Como já foi dito, vocação, eleição e missão são interligadas. Ele, que se identificou com Jesus Cristo (Gl 3,20), clareou sua vocação, tornando-se um missionário incansável, por toda a sua vida. De sua paixão por Jesus Cristo, brotou o seu espírito missionário (FERREIRA; SILVA, 2009). Em outra missiva (1Cor 9,16), ele exclamou: “Ai de mim se eu não evangelizar!”. O seu anúncio foi sempre na gratuidade. Se ele recebeu de graça e foi enviado, ele pregou de graça também. Com essa mentalidade, na linha de Jeremias, desde o seio materno (Jr 1,5), ele afirmou ser vocacionado. Daí se vê sua total entrega ao espírito missionário. Nada era para sua vanglória, mas para a glória de Deus. Foi um desapego total em vista de uma vida livre (Gl 5,1.13), sempre evangelizando, em itinerância pelas estradas do Império Romano e da civilização grega, por toda parte. Ao encontrar Jesus Cristo, tinha que se locomover para proclamá-lo.

Nessa consciência de “chamado” para a missão às etnias, ele e seus grupos não pouparam esforços para trazer pessoas de todas as culturas para Jesus Cristo. Esse vocacionado de Jesus estrategicamente procurou, em todas as partes, entrar nas culturas diferentes. O esforço de aculturação foi renhido (CROSSAN; REED, 2005). Esforçou-se em fazer-se judeu com os judeus, grego com os gregos, fraco com os fracos (1Cor 9,19-23). Possivelmente, a eficácia missionária de Paulo e de seus amigos evangelizadores tenha sido por assumir a forma de viver de cada localidade. Aculturando-se, Paulo e seus grupos de helenistas assumiram, decididamente, o anúncio do Evangelho, a ponto de o apóstolo colocar em sua boca o que era o pensamento de todos: “Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!” (1Cor 9,16). No entanto, num império como o romano e numa civilização como a grega, as assimetrias não eram aprovadas. Paulo compreendeu que judeu e grego deviam viver sem barreiras (PATTE, 1987); que livre e escravo deveriam romper com aquela assimetria social, em pleno modo de produção escravagista; que

as mulheres não poderiam continuar a ser massacradas no regime patriarcal e androcêntrico (Gl 3,26-28) (FERREIRA, 2005).

Como disseram Ferreira e Silva (2009), esses evangelizadores e Paulo usaram algumas estratégias: constituíam grupos de discípulos (criavam escola) para não partir sozinhos; depois, conquistavam famílias, de modo a obter sempre o apoio das chamadas igrejas das casas (*oikia, oikós*), criando, assim, focos da expansão da mensagem; posteriormente, ampliavam os grupos para formar comunidades maiores, principalmente nas grandes cidades; passavam, então, a visitar essas comunidades, para orientá-las e criar certa organização. Esse esforço missionário completava-se com o envio de cartas que respondiam aos problemas comunitários e orientavam a caminhada local. O Paulo “escolhido” por Deus e “vocado” para as missões às etnias diversas era o incentivador de comunidades. Nesse missionário, as palavras ‘Paulo’ e ‘comunidades’ quase se identificavam. Ele e seus grupos eram formadores de comunidades.

O “eleito” de Deus, Paulo, “vocado” para ser missionário aos étnicos, entendeu sua vocação, formando comunidades vivas, como, por exemplo, na própria Galácia (Gl 4,12-20), onde se vê explicitada a ternura do apóstolo. A sua profunda experiência mística (Gl 2,20), proveniente da “revelação/eleição/vocação”, comprometeu-o na “missão”.

Referências

BARBAGLIO, G. **As cartas de Paulo (II)**. São Paulo: Loyola, 1991. (Bíblica Loyola).

BROX, N. Revelação. In: BAUER, J. B. (Org). **Dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Loyola, 1973. v. 2. p. 992-997.

COMBLIN, J. **Paulo, apóstolo de Jesus Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1993.

COTHENET, E. **A Epístola aos Gálatas**. São Paulo: Paulinas, 1985. (Cadernos Bíblicos).

CROSSAN, J. D.; REED, J. L. **In search of Paul**. New York: HarperOne, 2005.

DE FRAINE, J. Vocação. In: BORN, A. (Org.). **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1971a. p. 1567-1568.

DE FRAINE, J. Eleição. In: BORN, A. (Org.). **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1971b. p. 439-441.

DUNN, J. D. G. **A Teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2008.

FERREIRA, J. A. **Gálatas**: a epístola da abertura de fronteiras. São Paulo: Loyola, 2005. (Comentário Bíblico Latino-Americano).

FERREIRA, J. A.; SILVA, V. **Paulo missionário**. Belo Horizonte: O Lutador, 2009.

GIAVINI, G. **Gálatas, liberdade e lei na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1987.

HEYER, C. J. **Paulo, um homem de dois mundos**. São Paulo: Paulus, 2008.

MOLIN, G. Vocação. In: BAUER, J. B. (Org.). **Dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Loyola, 1973. v. 2. p. 1162-1166.

MURPHY-O'CONNOR, J. **Paulo**: biografia crítica. São Paulo: Loyola, 2000.

PATTE, D. **Paulo, sua fé e a força do Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1987.

ROETZEL, C. **The man and the myth**. Edinburgh: T&T Clark, 1999.

SCHMIDT, K. L. Kaléo. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (Org.). **Grande lessico del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia, 1968. v. 4. p. 1453-1464.

VANHOYE, A. **La Lettera ai Galati**: 2ª parte. Roma: PIB, 1985.

Recebido: 15/08/2012

Received: 08/15/2012

Aprovado: 08/10/2012

Approved: 10/08/2012